

METAgraphias: metalinguagem e outras figuras v.1 n.1 (1) março|2016

(quase)ALGO ou (ex-crita)**Luisa Günther****Dicas para um leitor desprevenido**

Escrevo estas palavras com cautela já que o interesse não é a criação de uma legenda para verter a sua experiência de leitura em um uníssono com a minha escrita. Afinal, acredito que entre a minha escrita e a sua leitura deve haver um sutil desencontro de nossas subjetividades para que um novo momento de compreensão possa ser instaurado. No entanto, este desencontro não pode comprometer a possibilidade do entendimento, a partilha da sensibilidade, a comunhão do interesse.

Reitero que este desencontro precisa ser sutil, caso contrário, esta escrita não será lida.

Por isto, o intuito de deixar explícitas algumas de minhas intenções. Ao longo do texto, elas eventualmente são óbvias, mas talvez precisam ser confirmadas devido às expectativas prévias que circunscrevem a aproximação a isto aqui apresentado. Faço uma escolha deliberada de escrever em primeira pessoa, como quem confessa. Sei que isto não é costumeiro em uma escrita acadêmica que deve ser rigorosa quanto ao teor e a validade do que publica. No entanto, não compartilho da aparente condição de oposição mútua entre rigor e humor. As marcas de oralidade desta escrita provocam uma situação contínua de quase ruptura com a ordem do discurso estabelecida como legítima. Neste percurso, as variações tipográficas; a diagramação; a relação entre estruturas verbais e visualidades de outra natureza; os neologismos; os parênteses de pensamento; a circularidade da prosa; as ironias coloquiais inesperadas e as aparentes redundâncias, cada um destes detalhes confluem para particularidades na narrativa: seja para chamar a sua atenção; causar estranhamento; provocar eufonia; indicar a autoreferencialidade da autoria; explicitar o pensamento no momento da escrita; ou, simplesmente, suscitar a desconfiança de tudo ser tão somente uma blague.

(...) mas não é.

Introdução

*O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem.
Clarice Lispector*

As linhas que aqui se seguem questionam o limite entre linguagem e discurso; entre o comunicado e o compreendido; entre o indizível e o silêncio; (...) entre tantas outras coisas. Assim, para uma apreciação dos aspectos da Arte Contemporânea que visam ser contemplados, a leitura que aqui se inicia deverá acontecer seguindo determinados parâmetros, não necessariamente provenientes do conhecimento sociológico.



Enquanto propositora de uma situação dialógica, na qual esta escrita é apenas um dos desdobramentos, sugiro que esta introdução seja lida com estranhamento; que cada página do primeiro capítulo receba uma lambida antes de ser lida; que todas as letras ‘o’ do segundo capítulo sejam preenchidas por justaposição sucessiva de cores complementares; que cada vez que o leitor se deparar com a palavra ‘antiartístico’ no terceiro capítulo fique em pé, bata palmas e grite palavras de conteúdo escatológico ao vento; que antes de iniciar a apreciação do quarto capítulo o leitor se embriague com a bebida alcoólica de sua preferência; que o quinto capítulo seja lido gradualmente na métrica de uma página por dia; que a conclusão seja rasgada em pedaços mínimos que, uma vez misturados com cola e suco de manga, venham a ser colados em uma superfície porosa de forma aleatória. As referências bibliográficas devem ser sumariamente ignoradas. Depois de tudo isso, fica a critério de cada leitor fazer o que quiser com os anexos, sob a condição de registrar de modo fotográfico as ações e submeter esse registro à apreciação pública. Após esta sequência de feitos, os leitores são convidados a nunca mais presenciarem o pôr-do-sol da mesma forma; a nunca mais tratarem um estranho com impaciência; a viverem a própria vida com cautela e leveza.

Que tal?

(...) mesmo propondo estes parâmetros, sei que cada leitor fará o que lhe for conveniente.

Inclusive, poderá achar que tudo isso não passa de um devaneio (ou) de uma perda de seu escasso e precioso tempo (ou) de uma ofensa generalizada e, por isso, assumir não fazer leitura alguma. De um jeito ou de outro, o texto continuará existindo. Afinal, todo mundo sabe que o que foi escrito não deixará de existir caso não venha a ser contemplado com olhos interessados. O que está escrito, está escrito e existe, mesmo que não seja lido (ou) compreendido. Do mesmo modo, seguindo ou não os parâmetros sugeridos, caso alguém leia o presente texto em qualquer forma que venha a ser lido, o texto terá sido lido. No entanto, a questão é outra. A questão é pontuar até que ponto o texto será lido e compreendido da forma intencionada caso não sejam seguidos os parâmetros propostos? Afinal, nem mesmo seguindo os parâmetros propostos isso é garantia que o texto será compreendido da forma intencionada. Tampouco existe uma certeza de que a compreensão do texto da forma intencionada só acontecerá caso sejam seguidos os parâmetros propostos. Ou pior: que a compreensão do texto da forma intencionada é a forma como o texto deve ser compreendido. O que ainda pode gerar uma outra ponderação se os parâmetros propostos condizem para uma compreensão do texto ou do processo de leitura do mesmo. Em todo caso, a compreensão da forma e seu conteúdo acontecerá ou não, mas tampouco isso faz com que o texto inexistia enquanto uma entidade intencionalmente constituída de acordo com determinados encaminhamentos. Pois é! Após esta provocação inicial, talvez não devesse, mas quero confessar que daqui para frente, tudo o que está escrito teve origem em uma única e mesma pergunta. Então, continuo a escrita com esta pergunta, tornando-a evidente:

até que ponto faz-se necessária uma mudança epistemológica nas práticas da Sociologia da Arte para um diálogo com a produção poéticaⁱ da Arte Contemporânea?

(a partir de): Experiências (des)compartilhadas: Arte Contemporânea e seus Registros. Tese.
Departamento de Sociologia|UnB

ⁱ A tradição artística modernista (marcada pelo surgimento de vanguardas estéticas a partir de 1860) problematizou não apenas a questão da representação, mas também: a hierarquia dos gêneros e temas artísticos; os processos criativos e as materialidades das linguagens; a fruição e a função social da arte. Em virtude da ruptura com certos paradigmas, da profusão de linguagens-estilos e da instabilidade na nomenclatura, até mesmo como forma de instaurar um novo discurso, o momento contemporâneo nomeia, com certa frequência, a prática artística de poética. Uma poética seria o conjunto de táticas e estratégias, de valores, de estruturas sensoriais e de significado que versificam conteúdos sensíveis, conceituais e processuais da experiência fenomenológica, qualificada como vivência na manifestação artística. A terminologia também faz referência ao pensamento de Aristóteles.